

Corpo e automutilação na esquizofrenia*

Andréa Franco Milagres

O artigo discute o estatuto do corpo na esquizofrenia a partir de reiterados episódios de automutilação. O corpo é abordado a partir das referências freudianas sobre o narcisismo, e de J. Lacan sobre o Estádio do Espelho, propondo tomar o narcisismo como um nó fundamental e discutindo as possíveis conseqüências de uma falha nesta função psíquica. Utilizamos como procedimento o estabelecimento de um paralelo entre um caso clínico e as discussões trazidas por Lacan em dois diferentes momentos a respeito da noção de corpo. Primeiramente a partir do caso de Lol V. Stein, no romance O deslumbramento, de Marguerite Duras, e, posteriormente, a partir do caso de James Joyce, especificamente no episódio da surra, relatado por ele em Um retrato do artista quando jovem. À guisa de conclusão, apontamos que a solução encontrada por nosso sujeito difere dos dois casos comentados por Lacan, mas visariam a uma operação semelhante: constituir um corpo definido enquanto superfície onde algo se inscreve introduzindo um sinal negativo.

Palavras-chave: Corpo, automutilação, esquizofrenia, narcisismo

* O presente caso foi discutido em dissertação de mestrado defendida no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em julho de 2003, sob o título *Automutilação: uma investigação sobre o estatuto do corpo em um caso de esquizofrenia*, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira.

Trabalho originalmente apresentado nas Jornadas das Formações Clínicas do Campo Lacaniano – RJ: “O retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência”, em novembro de 2003.

Recorte sobre um caso clínico

O interesse sobre este tema surgiu da experiência clínica num CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) com um jovem sujeito esquizofrênico cujo tratamento conduzi por um período de quatro anos. Sua psicose se desencadeia muito precocemente, em torno dos 11 ou 12 anos, após ter caído num bueiro aberto num dia de tempestade. É preciso marcar que os sintomas clássicos da psicose, tais como alucinações verbais e trabalho delirante, não estão, neste caso, de todo ausentes, mas apresentam-se de forma bastante discreta. Em contrapartida, sua psicose, desde o desencadeamento, manifesta-se de forma marcante na relação inusitada que o sujeito estabelece com seu corpo. Eduardo – é assim que iremos chamá-lo – inaugura sua série de atos dirigidos ao corpo ainda na pré-adolescência, introduzindo caroços de feijão no orifício nasal. Logo depois, fará ingestão de pregos e parafusos, produzirá profundos cortes no couro cabeludo e perfurações na traquéia; um pouco mais tarde, introduzirá inúmeros alfinetes e agulhas na região do tórax e, já na vida adulta, encontraremos o sujeito introduzindo toda sorte de objetos e substâncias tais como pedras, palitos e *superbonder* nos orifícios anatômicos, eletivamente, canal da uretra e ânus. Salientamos, no entanto, que a questão parece estar não exatamente na qualidade dos objetos que introduz, mas no que estes demarcam enquanto corte e furo.

Constatamos que seus atos se repetem de modo reiterado, não se articulam necessariamente a uma experiência delirante ou alucinatória, mas mostram-se, de algum modo, ligados ao pai, já falecido. Lembramos que, por ocasião da morte desse pai, Eduardo encontrava-se internado e, até hoje, se queixa de não ter visto o pai no caixão. Esse ponto merece nossa consideração, na medida em que o apelo ao pai morto e jamais visto parece renovar-se a cada ato de Eduardo. Nas circunstâncias em que se mutila ou introduz objetos no corpo, sua alegação vai sempre na direção de uma mesma resposta: quer morrer,

ficar com o pai lá no céu. A morte do pai resta como ponto inassimilável, esvaziado de qualquer significação e sem remeter a nenhuma outra, lançando o sujeito num projeto macabro de ajuntar-se a esse pai, caindo com ele, assim como, em seu primeiro surto, caiu num buraco para nunca mais ser o mesmo. A partir dessa breve descrição sobre o caso, foi-nos possível ainda localizar, em nossa pesquisa, mais de um movimento que apontamos da seguinte maneira:

- a) A cada vez que o sujeito abria buracos ou cortes no corpo e era necessário que se procedesse a uma sutura, sem demora e com seus recursos bastante particulares, providenciava a retirada dos pontos. É este primeiro movimento, especificamente, que a rigor, chamamos de automutilação. O sujeito abria orifícios, algum Outro o fechava e ele então os abria novamente.
- b) Um outro movimento – temos dúvidas se com o mesmo objetivo – delineava-se em outras ocasiões. Refiro-me à introdução de objetos ou substâncias nos orifícios anatômicos. Restou aqui a pergunta sobre esse tamponamento dos orifícios, justamente aqueles recortados pela pulsão.
- c) Um último movimento não pode deixar de ser lembrado, pois para tal sujeito não se trata apenas de abrir e fechar os orifícios, visto que agrega a isso tudo o olhar do Outro. Não basta, portanto, esta reversão infinita de um pólo a outro; para ele era mister mostrar seus ferimentos e cicatrizes a um Outro.

O narcisismo: nó fundamental

*O corpo, nós não o apreendemos a não ser por isto que ele tem de mais imaginário.
Nós o apreendemos como forma e o apreciamos como tal, pela sua aparência.
Esta aparência do corpo humano, os homens a adoram;
eles a adoram como uma pura e simples imagem.*

J. Lacan

Desde nossas primeiras entrevistas com Eduardo, um ponto nos chamava a atenção. Era surpreendente constatar o fato de não haver investimento libidinal a nível da imagem do corpo, no sentido comum da adoração, da preservação ou do culto àquilo que é mais caro ao ser humano: sua forma, a partir de onde todo ser falante apreenderá seu mundo.

Nesse caso, não só não encontrávamos o traço característico à neurose, em que o sujeito trata seu corpo narcisicamente, como, de fato, parecia destruí-lo, apagando qualquer insígnia de unidade. Se, por um lado, ficamos com a suspeita de que algo a nível do narcisismo fracassava profundamente, por outro, não deixamos de notar que era esse mesmo corpo des-narcizado o objeto eleito pelo sujeito, para onde convergiam todos os seus atos.

Com Freud (1914) aprendemos que o eu não existe originalmente: é uma instância que deverá ser desenvolvida. Essa tese aponta que, antes do eu, existiriam apenas pulsões auto-eróticas e uma nova ação psíquica deveria ocorrer, acrescentando-se ao auto-erotismo para dar forma ao narcisismo. Lacan (1949) assinala a importância dessa nova ação psíquica a que Freud havia se referido dando a ela o nome de Estádio do Espelho. O Estádio do Espelho será assim uma forma ortopédica que virá retirar o vivente do despedaçamento, antecipando-lhe uma imagem com a qual virá jubilar e que, no entanto, é discordante de sua realidade neurológica. Júbilo por um lado, alienação eterna por outro.

Freud (1911), a propósito do caso Schreber, fará uma importante constatação. Ainda que na paranóia e na esquizofrenia encontremos uma mesma característica principal – desligamento da libido e regressão desta para o eu – tendo como decorrência a megalomania e o desvio do interesse do mundo externo, podemos, a partir da clínica, supor uma diferença notável entre as duas moléstias. Na paranóia a libido retorna em direção ao eu, inflando-o narcisicamente. O resultado deste retorno da libido ao eu poderá ser visto de modo marcante na paranóia, em que temos um eu enfatado e presunçoso, tipicamente megalomaniaco. Na esquizofrenia, não obstante, algo diferente parece acontecer.

A esse respeito, Freud nos indica que o aparelho psíquico é um dispositivo destinado a dominar excitações que, de outra forma, seriam sentidas como aflitivas e teriam efeitos patogênicos. A megalomania permitiria, portanto, uma elaboração interna da libido que voltou ao eu; é apenas quando a megalomania falha que o represamento da libido no eu se torna patogênico, iniciando o processo de recuperação que nos dá a impressão de ser uma doença. Segundo Freud (1914, p. 102), podemos supor uma falha dessa função psíquica dando margem então à hipocondria. Assim, se na paranóia teríamos um eu vaidoso, libidinalmente investido, na esquizofrenia temos outra coisa. Aqui, se há um retorno da libido, ela é feita muito mais na direção do órgão do que ao eu. Postulamos, desta forma, a partir dos problemas que o caso de Eduardo nos coloca, que, na esquizofrenia, há uma falha na função do narcisismo. Não haveria, assim, nenhuma nova ação psíquica que pudesse produzir o narcisismo: o sujeito encontra-se congelado a um momento lógico em que as pulsões recortam o corpo na modalidade auto-erótica. Concluimos, desta maneira, que a megalomania e o narcisismo estão para a paranóia, assim como o despedaçamento e a hipocondria estariam para a esquizofrenia. Fica como nossa tarefa, portanto, estabelecer as conseqüências dessa falha na função psíquica deste “nó fundamental” chamado narcisismo, assim como Lacan se referiu em 1975, em suas conferências nos EUA.

O simbólico: presença no momento mais puro do Estádio do Espelho

Desde o início do seu ensino, Lacan (1949) enfatiza a função da imagem enquanto constitutiva para o ser falante. O júbilo do bebê no espelho nos permitirá reconhecer um poder de captação espacial extraordinário manifestado pelo Estádio do Espelho.

A partir de 1953, no entanto, com a definição de que “O inconsciente é o discurso do Outro”, será necessário acrescentar uma segunda alienação, agora referida ao simbólico. Isso será patente no “Relatório sobre Daniel Lagache”, onde vemos o esforço de Lacan (1960b) no sentido de verificar a incidência do simbólico sobre o imaginário, a determinação do significante sobre o significado. Um último desdobramento do esquema ótico nos apontará, então, que o Outro sempre esteve latente mesmo na relação especular no seu momento mais puro: a criança diante do espelho, quando se volta para aquele que a segura, apela com seu olhar pedindo um testemunho que confirme o reconhecimento de sua imagem. Há aí uma anterioridade da presença do Outro no espelho que devemos tomar como uma anterioridade lógica. Outra maneira de nos referirmos a este ponto é dizermos que a ordem imaginária não poderia estruturar-se somente com o Estádio do Espelho: é preciso também o Ideal do Eu. O Eu Ideal estaria assim situado no plano do imaginário, como captação da forma completa e o Ideal do Eu do lado do simbólico, lá onde encontramos a mediação do Outro.

O corpo: suporte imaginário de um material que é real

Embora em cada período de seu ensino Lacan privilegie um ou outro registro, jamais abriu mão de tomar o corpo no registro de uma tríplice amarração. Na “Subversão do sujeito”, por exemplo, dirá que “o corpo é o pivô do ser” implicando, é claro, o real do corpo e o imaginário do esquema mental. (Lacan, 1960a, p. 817-8).

Em suas *Conferências nas Universidades Norte-Americanas*, Lacan (1975, p. 38-40) falará do corpo enquanto uma propriedade, algo como um “saco de pele” que funciona como suporte imaginário de um material que, no entanto, é real. Este real ele o identifica com a anatomia, e isto, diz Lacan, tem relação com todo o corpo. Assim, temos o corpo em seu estatuto imaginário enquanto envoltura, “saco de pele”. Todavia, entre o corpo como o imaginamos e isso que ele é, está a palavra que deixa efeitos sobre esse corpo. Trata-se assim de ver como tudo isso, real, simbólico e imaginário, se amarram.

No caso de Eduardo, isso ganha toda a sua pertinência. Estando o imaginário comprometido, que espécie de amarração podemos supor?

Lol V. Stein: empuxo-ao-olhar para localizar o corpo

Abordaremos, para retomar o problema dos “casos” comentados por Lacan em diferentes momentos. Trata-se primeiro do caso de Lol V. Stein, protagonista do romance de Marguerite Duras, *Le Ravisement de Lol V. Stein (O deslumbramento)*. Aí temos um sujeito psicótico feminino que perde seu corpo no baile de T. Beach. Atrás das plantas verdes, Lol assiste petrificada ao espetáculo de seu noivo dançando com outra mulher. Tatiana Karl, amiga de Lol, testemunha toda a cena. Quando a mãe de Lol invade o baile e “entra na cena”, desaloja a filha de uma tríade que, num instante fugaz, havia selado seu lugar. Na verdade, podemos dizer que Lol está arrebatada por uma circunstância muito específica: com a saída do casal de amantes, Lol sente-se como que levada ou arrastada com eles. Desaparecido o espetáculo que olha, Lol também desaparece: “Lol se achou assim sem eles, embora a tenham levado consigo, porque levaram dela o que ela havia se tornado na presença deles: puro olhar, separado dela mesma. Uma vez que se retiram, é ela que se vai com eles” (Marcos, 2000, p. 38).

É neste exato momento onde Lol se vê dilacerada, arrancada do casal, que se dá seu enlouquecimento, assim como a perda de seu corpo. Esse corpo perdido, arrebatado, raptado, será substituído pelo corpo de outra mulher, junto a um homem. O Estádio do Espelho, já o vimos, estabelece uma junção entre o ser visto e o corpo, através do olhar do Outro. O espelho define um continente, uma “caixa para o olhar” (Alvarenga, 2002, p. 4). No caso de Lol, temos um corpo despossuído, desvestido do olhar, numa disjunção entre o corpo e o olhar.

Doravante Lol se verá arrebatada e despossuída narcisicamente. Todo seu trabalho será, desse modo, refazer o trio, onde tudo deve recomeçar, pois ela não poderia ter estado ausente daquele momento, daquele gesto a três: “ela existe com ele carne a carne, os olhos selados em seu cadáver” (Duras, 1986, p. 36). Lol perambulará pela cidade, procurando um lugar. Lol, que nunca esteve em lugar nenhum, essa “exilada das coisas”, como dizia Lacan, essa “a quem faltava alguma coisa para estar presente”, como diria Tatiana, deixa de ser o centro dos olhares no baile; e é aí que algo se solta, selando sua atopia. Ela se dedicará então, tarde após tarde, deitada no campo de centeio, a olhar os amantes. Será preciso para fechar o circuito que Jacques Hold jamais abandone Tatiana Karl, sua amante e testemunha do drama de Lol naquela noite interminável do baile. É aí onde fará seu “nó engraçado” (Lacan, 1965, p. 126). Gostaríamos, assim, de pensar que no caso de Lol, o arrebatamento é uma situação particular de amarração dos três

registros: real, simbólico e imaginário. Um nó lógico a partir do qual o sujeito irá se ligar de novo ao seu corpo desenlaçado, dado que não houve a entrada de um terceiro para nomear a imagem do corpo. Com sua solução, Lol nos brinda com a chave do Estádio do Espelho, mostrando-nos que ele não pode se resumir a dois. Quando o espelho se resume a dois, o que temos é um desdobramento infinito, uma especularização hemorrágica. O gozo assim fica disperso nos olhares sempre à espreita do sujeito, figura encontrada freqüentemente na clínica das psicoses. Na falta do Nome-do-Pai, Lol precisará contar até três para localizar seu corpo. Para Lacan (1965, p. 124), na espreita que Lol dedica aos amantes não se trata aí propriamente do acontecimento do baile, mas “de um nó que aqui se refaz”. É evidente que há um defeito de realização narcísica para Lol, uma falha na função do corpo enquanto imaginário. Se, na histeria, podemos ver que o corpo funciona como um casulo, em Lol o que temos é um vazio. A localização de seu corpo está na dependência deste triângulo. Ela se obstinará a refazer o trio e assim reencontrar seu lugar perdido. Por isto desvanece quando não avista mais os amantes no baile. Nos parece desse modo que o arrebatamento de Lol implica a injeção de um imaginário, operando como um artifício, um envelope forjado. Se Lacan nos adverte sobre a importância do imaginário, na constituição do nó, é na medida que o considera como aquilo que lhe dá consistência. Lol se verá implicada na fabricação de um verdadeiro empuxo-ao-olhar onde poderá localizar seu corpo (e por que não dizer, seu gozo), até então à deriva. Lol cumprirá a realização de sua tarefa, fabricando um “ser-a-três” (Alvarenga, 2002, p. 4) ao reconduzir-se ao instante de ver onde tudo parou. Tratar-se-ia de uma costura produzida entre imaginário e simbólico?

James Joyce e o episódio da surra: um corpo indiferente

O segundo caso, referido por Lacan, é o de James Joyce. Trata-se especificamente do episódio da surra, narrado em *O retrato do artista quando jovem*. Stephen Dedalus, protagonista do romance, discorda da opinião dos colegas sobre quem seria o maior poeta. Em resposta a uma provocação de Stephen, os colegas avançam sobre ele chutando-o e agredindo-o a golpes de bengala, lançando-o sobre uma cerca de arame farpado. Queriam que Stephen admitisse que Byron, seu poeta preferido, não valia nada. De volta para casa, ainda que não pudesse esquecer a crueldade dos colegas, a lembrança da surra não lhe despertava nenhuma raiva, e todas as descrições de amor e ódio que encontrara nos livros, haviam-lhe parecido irrealis. Na ocasião sentira apenas que sua raiva havia sido despojada, assim como um fruto é despojado de sua casca madura e macia.

No seminário sobre Joyce, em 1975-1976, tal episódio não passará despercebido a Lacan, que tomará a relação de Joyce com o corpo como uma porta de entrada para a psicose. Na lição de 11/5/76, nos dirá que a relação ao corpo não é simples para nenhum homem, aliado ao fato de que esse corpo tem buracos; buracos estes que concernem a enunciação do que quer que seja. Para Lacan, quando Joyce diz que, após a surra, seu corpo se despreza como uma casca, “ele metaforiza alguma coisa que não é nada menos que a relação com seu corpo” (Lacan, 1975-1976, p. 74). Isto nos indica a relação imperfeita que os homens mantêm com seu corpo, a ponto de não saber o que se passa com ele.

Qual é então o sentido de dar a isto que Joyce testemunha? É que, apesar desta imagem confusa que temos do nosso corpo, essa imagem comporta afetos. O que há de surpreendente para Lacan é que existam pessoas que não sejam afetadas pela violência sofrida corporalmente. Com Joyce estamos diante de alguém que coloca entre parênteses, que expulsa uma má lembrança, tomando seu corpo como um estranho. Joyce não se manteve normal para alguém que amasse seu corpo como a si próprio. O narcisismo é isto, dirá Soler (1998), “identificar-se com seu corpo, com sua imagem, o bastante para amá-la quase como a si próprio. Pois bem, em Joyce isto não se mantém” (p. 98). Suas paixões narcísicas se dissipam como a casca se despreza de um fruto. Assim, continua Lacan, esta forma do deixar-se cair em relação ao corpo é inteiramente suspeita para um analista porque esta idéia de si, como tendo um corpo, é algo que verdadeiramente tem um peso. Lacan retoma a noção de ego, pois se dizemos que ele é narcísico é porque alguma coisa o suporta enquanto imagem. No caso de Joyce, o fato de esta imagem não estar implicada na ocasião da surra, assinalaria que o ego tem aí uma função inteiramente particular. Diríamos que o imaginário escorrega, escapole depois de ter levado a surra. A relação imaginária aí não tem lugar. Seu ego teria uma função inteiramente diferente da função narcísica e a prova disto é que Joyce não nutre nenhum ressentimento, de quem quer que seja, após ter recebido a surra (Lacan, 1975-1976).

É então esse imaginário desatado o que nos permitirá falar da indiferença narcísica de Joyce com relação ao seu corpo após a surra. Onde não há eu que se suporte da imagem, veremos Joyce fabricar um outro tecido, uma outra textura à qual dedicará toda uma vida. Trata-se da sua escrita, essencial a seu ego, mas que “faz picadinho” do sentido. Se recorrermos ao nó borromeano, estabelecido por Lacan (1988) em “La tercera”, em que situa o gozo fálico, o gozo do corpo e o gozo do sentido, veremos que o sentido se produz na incidência do simbólico sobre o imaginário e está sempre ligado ao imaginário do corpo. Se Joyce abole o sentido de sua escrita, isto nos faz supor que não há enlace entre imaginário e simbólico, de tal modo que esses dois círculos ficariam desatados. O nó de três argolas não funciona para Joyce e seu imaginário fica flutuando. Com Lacan

aprendemos desse modo que o *sinthoma* de Joyce é sua escrita, é assim que ele fará a reparação de seu nó.

O caso de Eduardo: furar pode ser amarrar?

Este longo percurso nos pareceu necessário para, finalmente, retomarmos o caso de Eduardo. Lacan (1975-1976) nos dirá em *Le sinthome* que o homem não diz “sou um corpo” e sim “tenho um corpo”. Somente para os animais seria possível esta identificação direta entre o ser e o corpo. Para os falantes, ao contrário, não há esse tipo de equivalência, posto que a entrada no mundo dos significantes desarranja a relação “natural” com o corpo, introduzindo disfunções. O significante divide assim o ser e o corpo, reduzindo este último ao “ter”.

Esta questão de ter um corpo, quando falamos das psicoses, introduz alguns problemas. Para se ter um corpo, para além da identificação narcísica com um outro, será necessário um passo a mais. Para se ter um corpo, como diz Soler, será preciso que ocorra uma operação de enlaçamento. Sem este enlaçamento – é o que vimos com Joyce – a argola do imaginário fica flutuando; o que nos permitiria dizer que Joyce não tem um corpo. Lacan pode dizer, desta maneira, que no episódio da surra Joyce não gozou, porque neste caso trata-se de um gozo que não é do corpo e sim da letra. Ter um corpo é fazer algo com ele, utilizá-lo de alguma maneira e, na literatura de Joyce, fica patente que ele não usa seu corpo. Sigamos Soler (1998):

Um corpo, insistamos nisso, há de ser atribuído ao sujeito. Podemos jogar com a palavra e escrever atribuir, atributo, o que significa que para que o corpo seja atribuído a alguém, há que se pagar um tributo e o nome desse tributo que se paga é: castração. De todo modo, o sintoma Joyce tem a particularidade de não ser um acontecimento de corpo. É assim que Lacan define o sintoma em 1979: “o sintoma é um acontecimento de corpo”. Isto se pode dizer de todos os sintomas, mas não do sintoma de Joyce. Para que o sintoma seja um acontecimento de corpo é necessário um nó. Um acontecimento de corpo implica forçosamente uma interseção entre o simbólico e o imaginário. Podemos falar de acontecimento de corpo quando o simbólico incide no corpo (ocasionando uma perda) e nesse sentido evidentemente há uma relação entre o sintoma como acontecimento de corpo e a pulsão, posto que a pulsão é de certo modo a prova da eficácia da linguagem sobre o corpo. (p. 100-1)

Lacan (1976), em *O sinthoma*, dirá que “as pulsões são o eco no corpo do fato de haver um dizer”, então, “para que o significante ressoe, para que ele consoe, é preciso que o corpo seja sensível a isso, e ele o é de fato” (p. 11).

O episódio da surra e a indiferença de Joyce demonstram a nulidade narcísica de seu corpo, apontando-nos que esse corpo, do ponto de vista psicanalítico, não é sensível à interpretação. Aqui não há ressonância do significante sobre o corpo e tanto sua escrita como seu corpo estão fora do alcance dos jogos do inconsciente (Larriera, 2001). Por isso Lacan pode dizer que Joyce é um desabonado do inconsciente, não havendo, portanto, possibilidade de que isto ressoe em seu corpo.

Em Eduardo, constatamos essa nulidade narcísica, mas não encontramos, em contrapartida, qualquer vislumbre próximo da solução de Lol ou a saída de Joyce. Não há arrebatamento corretor ou força da letra que evite ou corrija o desencadeamento.

Se falamos da amarração de Lol, tecida a partir de seu olhar sobre um casal de amantes em que pode refazer sua tríade, e de Joyce com sua tessitura literária em que pode construir um ego de suplência, interrogar-nos-íamos sobre o nó de Eduardo. Minha primeira tendência havia sido desenhar um nó em que as três argolas estivessem separadas, sem interseção. Poderíamos falar que, neste caso, não há nenhuma espécie de amarração entre real e simbólico, visto a argola do imaginário estar comprometida em razão dessa falha detectada na função do narcisismo? Seria pensável uma estrutura psíquica que não levasse em conta o encadeamento de RSI?

Retomemos o movimento de Eduardo para colocarmos duas hipóteses com as quais finalizamos este trabalho. A primeira é a suposição de que seu movimento de abrir-fechar os buracos no corpo tinha como condição de êxito a presença do olhar do Outro. Não parece simplesmente um gozo auto-erótico, pois que ele inclui alguém na cena.

A segunda hipótese é a de que Eduardo talvez se corte não somente para extrair um excesso – isto seria a conclusão mais óbvia em se tratando de um caso de psicose –, mas nossa hipótese é de que o sujeito vá além. Ele se corta para se unificar. Ele se corta para mostrar ao Outro e é esse olhar do Outro que o unifica. É perfurando que Eduardo parece tentar fazer existir seu corpo. Aqui, não há um “ravinamento” pela palavra e sim pelas mutilações.

Eduardo só pode ter um corpo quando perfura esse corpo. E ele o perfura para o gozo não permanecer disperso; ele fura para amarrar ou para unificar.

Sabemos que o corpo é uma superfície, uma superfície onde algo se inscreve introduzindo um sinal negativo. Na falta dessa inscrição, dessa inscrição significante, o estatuto do corpo estaria questionado, assim como a estrutura de contorno pulsional. Eduardo tenta fazer existir seu corpo fazendo-lhe inscrições. Tenta, por meios reais, fazer existir um corpo tórico, que poderia ser caracterizado como tendo um cavo central, em torno do qual se organizariam

as pulsões. Lacan (1964) já havia nos dito sobre as zonas erógenas, enquanto demarcadas pelas bordas corporais tais como a fenda palpebral, buraco da vagina, o sulco peniano, os orifícios da boca e do ânus. Não estando esse corpo constituído como superfície de inscrição, a vivência dele em termos de dentro e fora, estaria impossibilitada. É o vazio interior, a perda do objeto o que ordena a estrutura do corpo. A manobra de Eduardo – nunca exitosa – é fundar um arremedo dessas bordas, onde poderia localizar enfim um resto de gozo pulsional.

Referências

ALVARENGA, Elisa. *O ser-a-três na psicose*. Comunicação apresentada ao núcleo de psicose da Escola Brasileira de Psicanálise – Instituto de Psicanálise e Saúde Mental. Belo Horizonte, abril/2002.

DURAS, M. *O deslumbramento: Le Ravisement de Lol V. Stein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. *Dementia Paranoides*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XII.

____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV.

____ (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise. Parte III. Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVI.

JOYCE, J. *Um retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Siciliano, 1992.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____ (1960a). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____ (1960b). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____ (1964). *O seminário. Livro II. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Versão M. D. Magno. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

____ (1965). *Homenagem à Marguerite Duras pelo “Deslumbramento de Lol V. Stein”*. Shakespeare, Duras, Wederkid, Joyce. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

____ (1975). Conférences et entretiens dans des Universités Nord-Américaines. *Silicet* 6/7, Paris: Seuil, 1976.

____ (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sinthoma*. Texto não estabelecido. Belo Horizonte: Heresia, s./d.

____ La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

LARRIERA, S. El cuerpo en Joyce. In: BROUSSE, M. H. (coord). *El cuerpo em psicoanálisis*. Madrid: Espacio de Investigación Madrileño – Escuela Lacaniana del Campo Freudiano, 2001.

MARCOS, J. P. O lugar arrebatado. In: CASTELLO BRANCO, Lúcia e BRANDÃO, Ruth Silviano (orgs.). *A força da letra: estilo, escrita, representação*. Belo Horizonte: UFMG; Pós-Lit. Programa de pós-graduação em estudos literários – FALE-UFMG, 2000.

SOLER, C. O filho necessário. In: *A psicanálise na civilização*. Trad. Vera Avellar Ribeiro e Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

Resumos

458

El artículo discute el estatuto del cuerpo en la esquizofrenia a partir de reiterados episodios de auto-mutilación. El cuerpo es abordado a partir de las referencias freudianas sobre el narcisismo y de J. Lacan sobre el Estadio del Espejo, proponiendo tomar al Narcisismo como un lazo fundamental y discutiendo las posibles consecuencias de una falla en esta función psíquica. Utilizamos como procedimiento el establecimiento de un paralelo entre un caso clínico y las discusiones aportadas por Lacan en dos diferentes momentos respecto a la noción de cuerpo. Primeramente a partir del caso de Lol V. Stein, en la novela “El deslumbramiento”, de Marguerite Duras, y posteriormente, a partir del caso de James Joyce, específicamente en el episodio de la zurra relatado por Joyce en “Un retrato del artista cuando joven”. A modo de conclusión señalamos que la solución encontrada por nuestro sujeto difiere de los dos casos comentados por Lacan, a pesar de visar una operación semejante: constituir un cuerpo definido como superficie donde algo se inscribe introduciendo una señal negativa.

Palabras claves: Cuerpo, auto-mutilación, esquizofrenia, narcisismo

L'article discute le statut du corps dans la psychose à partir des épisodes réitérés de l'automutilation. Le corps est abordé à partir des références freudiennes sur le narcissisme et de J. Lacan sur l'État du Miroir, en proposant de prendre le Narcissisme comme un noeud fondamental et en discutant les conséquences positives d'une faillite dans cette fonction psychique. Nous avons utilisé comme procédure l'établissement d'un

parallèle entre un cas clinique et les discussions apportées par Lacan em deux moments différents au sujet de la notion du corps. Premièrement à partir du cas de Lol V. Stein, dans le roman “O Deslumbramento”, de Marguerite Duras, et postérieurement, à partir de celui de James Joyce, spécifiquement dans l’épisode de la volée relatée par Joyce dans “Um retrato do artista quando jovem”. En guise de conclusion, nous avons montré que la solution rencontrée par notre sujet se distingue des deux cas commentés par Lacan, mais qui viseraient une opération semblable: construire un corps défini em tant que superficie où quelque chose s’inscrit em introduisant um signal négatif.

Mots clés: Corps, auto-mutilation, psychose, narcissisme

This article discusses the status of the body in cases of schizophrenia involving reiterated episodes of self-mutilation. The body is approached from references by Freud regarding narcissism and from J. Lacan’s references to the mirror stage. Narcissism is seen as a basic point, and the possible consequences of failures in this psychic function are discussed. The procedure draws a parallel between a clinical case and Lacan’s discussions on two different moments concerning the notion of body. Based first on the case of Lol V. Stein, in Marguerite Duras’s novel “Le ravissement” and, later, from the case of James Joyce, specifically in the episode of the beating he described in “A portrait of the artist as a young man.” In conclusion we point out that the solution found by our subject differs from these two latter cases commented on by Lacan. However a similar operation is sought: to constitute a defined body as a surface where something is inscribed by introducing a negative sign.

Key words: Body, self-mutilation, schizophrenia, narcissism